

DECRESCIMENTO: PRODUZIR E CONSUMIR MENOS?¹

DEGROWTH: PRODUCING AND CONSUMING LESS?

DECRECIMIENTO: ¿PRODUCIR Y CONSUMIR MENOS?

*Christoph Helmold**
*Rosângela Araújo Darwich***

RESUMO: O conceito de decrescimento e os questionamentos aos quais ele conduz tornaram-se imprescindíveis diante das diferenças extremas que caracterizam os chamados Norte e Sul Global. O crescimento econômico dos países ricos gera desigualdades sociais e injustiças ambientais preocupantes. Diante do questionamento acerca da concretização de propostas de decrescimento favorecerem justiça social em nível mundial e a sobrevivência do planeta, o objetivo deste estudo conceitual é refletir acerca do conceito de decrescimento em meio a controvérsias e a movimentos que representam tentativas de transformação social. Tomamos como base modelos apresentados e discutidos por autores como Schmelzer e Vetter (2021) e Burkhart, Schmelzer e Treu (2017). Verificamos que, diante do enriquecimento de uma parcela da população do planeta, estão sendo buscadas alternativas que valorizem a dignidade humana e a sustentabilidade ambiental. Assim, a proposta de decrescimento também leva os países do Sul Global à necessidade de reflexão, em busca de crescimento compatível com o bem-estar social e a sobrevivência do planeta.

Palavras-chave: Decrescimento. Norte e Sul Global. Justiça Social. Sustentabilidade Ambiental.

ABSTRACT: The concept of degrowth and the questions to which it leads have become essential in view of the extreme differences that characterize the so-called Global North and South. The economic growth of rich countries generates worrying social inequalities and environmental injustices. Faced with the questioning about the implementation of degrowth proposals that favor social justice worldwide and the survival of the planet, the objective of this conceptual study is to reflect on the concept of degrowth in the midst of controversies and movements that represent attempts at social transformation. We are based on models presented and discussed by authors such as Schmelzer and Vetter (2021) and Burkhart, Schmelzer and Treu (2017). We verified that, given the enrichment of a portion of the planet's population, alternatives are being sought that value human dignity and environmental sustainability. Thus, the degrowth proposal also leads the countries of the Global South to the need for reflection, in search of growth compatible with social well-being and the survival of the planet.

Keywords: Degrowth. Global North and South. Social Justice. Environmental Sustainability.

RESUMEN: El concepto de decrecimiento y las preguntas a las que conduce se han vuelto esenciales ante las diferencias extremas que caracterizan a los llamados Norte y Sur Globales. El crecimiento económico de los países ricos genera preocupantes desigualdades sociales e injusticias ambientales. Ante el cuestionamiento sobre la implementación de propuestas de decrecimiento que favorezcan la justicia social a nivel mundial y la supervivencia del planeta, el objetivo de este estudio conceptual es reflexionar sobre el concepto de decrecimiento en medio de controversias y movimientos que representan intentos de transformación social. Nos basamos en modelos presentados y discutidos por autores como Schmelzer y Vetter (2021) y Burkhart, Schmelzer y Treu (2017). Comprobamos que, ante el enriquecimiento de una parte de la población del planeta, se buscan alternativas que valoren la dignidad humana y la sustentabilidad ambiental. Así, la propuesta del decrecimiento también lleva a los países del Sur Global a la necesidad de la reflexión, en busca de un crecimiento compatible con el bienestar social y la supervivencia del planeta.

Palabras clave: Decrecimiento. Norte y Sur Global. Justicia Social. Sostenibilidad Ambiental.

¹ Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada ao IX Confluências, realizado em outubro de 2022, em Belém (PA).

* Graduado em Serviço Social pela Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg, Alemanha.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1757-2817>
E-mail: christoph.helmold@gmx.de.

** Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7325-9097>
E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Diante das crescentes desigualdades e injustiças em nível global, tanto políticos quanto economistas costumam defender a necessidade de crescimento econômico. No entanto, há quase cinquenta anos o conceito de crescimento econômico começou a ser questionado por economistas ecológicos, com o argumento de que ele contribui não para diminuir, mas para aumentar as desigualdades sociais e injustiças ambientais em todo o mundo. A partir da crítica ao crescimento, debates sobre desenhos sociais e políticos de uma sociedade de decrescimento vêm ganhando força nos meios ativistas e acadêmicos. Em tal contexto, decrescimento é entendido como um termo guarda-chuva que tem o potencial de reunir diferentes movimentos e estratégias de transformação.²

Dando seguimento a propostas semelhantes, apresentadas na América Latina já nos anos 1980, um campo internacional de debate e pesquisa foi estabelecido desde 2008 sob o termo “decrescimento” ou “pós-crescimento”. Ganham destaque questionamentos acerca do agigantamento das economias do Norte Global, das consequências de um crescimento econômico constante nesses países e, portanto, de como alterar as estruturas básicas das sociedades modernas de forma que se mantenham estáveis sem crescimento econômico, de como conceber sociedades em que, com menor uso de matérias-primas, uma vida de qualidade possa ser alcançada para todas as pessoas e, de um modo mais amplo, acerca do que tais questionamentos significam para a ideia do que seria uma vida de qualidade (SCHMELZER; VETTER, 2021).

No centro da crítica ao decrescimento estão princípios econômicos que promovem uma ordem social de competição onipresente em todas as áreas da vida. Por um lado, isso leva à necessidade de aceleração social, o que faz com que muitas pessoas fiquem sobrecarregadas e muitas outras sejam excluídas. Por outro lado, a economia fixada no crescimento destrói a base natural da vida para seres humanos e para a natureza, de forma que a valorização do crescimento parece ser uma causa central para problemas sociais e ecológicos (BURKHART; SCHMELZER; TREU, 2017).

O movimento em direção ao decrescimento é um processo que afeta as sociedades como um todo e diferentes áreas estão se envolvendo nessa discussão. Segundo Boccato-Franco (2013), é o caso da filosofia, da sociologia, das ciências políticas, da ecologia e, é claro, da economia.

Neste estudo conceitual, formulamos a seguinte pergunta norteadora: justiça social em nível mundial e a sobrevivência do planeta poderiam ser favorecidas pela concretização de propostas de decrescimento? Neste sentido, objetivamos refletir acerca do conceito de decrescimento em meio a controvérsias e a movimentos que representam tentativas de transformação social. Partimos de diferentes ideias em torno do que seria decrescimento, que correspondem a perspectivas não necessariamente coerentes com a amplitude do conceito. Em seguida, acrescentamos argumentos que tentam esclarecer uma visão teórica e prática do que significa a proposta de decrescimento e situamos relações desiguais entre Norte e Sul Global.

2. DECRESCIMENTO: CONTROVÉRSIAS E MOVIMENTOS

O potencial e os pontos fracos do decrescimento são controversos, já que diferentes autores apresentam entendimentos diferentes e às vezes contraditórios acerca do significado do conceito. A compreensão de cada autor depende fundamentalmente do ponto de vista próprio e de experiências e contatos anteriores com o decrescimento.

Para alguns, o decrescimento é muito teórico e científico (JORDAN, 2017; STELLMACHER; BRECHT, 2017) enquanto, para outros, é justamente mais ativista (BARTH; GRAN; EGAN-KRIEGER, 2017). Segundo Bernau (2017), o decrescimento não deveria permanecer apenas como uma “ofensiva de comunicação” e, conforme Rätz e Patemoga (2017), deveria também intervir em discussões práticas. Outros, ainda, exigem que o perfil de conteúdo do decrescimento seja aguçado (STELLMACHER; BRECHT, 2017).

² Para uma melhor compreensão do termo decrescimento, vale considerar a divisão entre Norte e Sul Global. Segundo Mitlin e Satterthwaite (2012, p. 13), “o ‘Sul Global’ inclui todas as nações classificadas pelo Banco Mundial como de baixa e média renda, localizadas na África, na Ásia, na América Latina e no Caribe”. O Norte Global, portanto, engloba os Estados Unidos, o Canadá e os países da Europa, mas também a Austrália e a Nova Zelândia (ODEH, 2010).

Um argumento frequentemente encontrado é referente à autossuficiência que, na discussão sobre sustentabilidade, tem, como aspecto central, esforços para minimizar o consumo de matérias-primas e energia. Autossuficiência e renúncia individual são apontados frequentemente como elementos centrais do decrescimento por autores de língua alemã, embora essa perspectiva reflita apenas uma pequena parte do movimento (PAECH, 2019). Neste sentido, o próprio termo “decrescimento” é criticado, com a justificativa de que ele desperta uma moral ecológica de renúncia (JORDAN, 2017; FLEMMING; REUTER, 2017). Outra ideia errônea relaciona o decrescimento a uma redução do produto interno bruto (PIB), sem qualquer visão positiva ou ideias alternativas (BURKHART; SCHMELZER; TREU, 2017).

Alguns autores argumentam que a crítica ao crescimento não deve ficar em primeiro plano, uma vez que o crescimento econômico não é negativo em si, como no caso das necessidades presentes no Sul Global. Em vez do foco no “menos”, o foco deveria ser em um “mais”, que fosse positivo e desejável (JORDAN, 2017; KNY, 2017; NEUMANN; WINKER, 2017; MASCHKOWSKI et al., 2017). Assim, Embshoff, Müller-Plattenberg e Giorgi (2017) indicam que o foco deveria ser em princípios – como solidariedade, democracia, participação, igualdade e inclusão social –, que complementem construtivamente a perspectiva.

O exame crítico do crescimento econômico é a parte mais avançada do debate acerca do decrescimento (SCHMELZER; VETTER, 2021). Desde os anos 1970, estudiosos de diferentes disciplinas, com diferentes perspectivas e muitas vezes em estreita troca com os movimentos sociais, têm trabalhado no desenvolvimento de uma linha teórica e empírica de argumentação acerca de diferentes aspectos das sociedades modernas (SCHMELZER, 2017). O decrescimento pode assim ser entendido como uma convergência de diferentes vertentes da crítica social e de crescimento que analisa a dinâmica de crescimento nas sociedades modernas a partir de diferentes perspectivas.

Schmelzer e Vetter (2021) distinguem sete vertentes de crítica de crescimento: as críticas ecológica, socioeconômica, cultural, do capitalismo, feminista, do industrialismo, do Sul-Norte. Todas essas formas de crítica desenvolvem argumentos a partir de seus próprios contextos históricos e diferentes contextos sociais, em diferentes níveis, e têm um foco diferente. No entanto, todas as vertentes têm em comum o desejo de desconstruir a crença hegemônica de que o crescimento econômico é algo bom em si mesmo e inquestionável. Todas argumentam contra a lógica e os pressupostos centrais da economia neoclássica ortodoxa e mostram que seres vivos, humanos e não-humanos, se movem em teias complexas de relacionamento.

Embora o decrescimento não possa ser entendido como um movimento de massa, ele encontrou ressonância nos círculos intelectuais e na academia, no Norte Global. Na Universidade de Jena, na Alemanha, há uma faculdade de “Sociedades Pós-Crescimento” financiada pela Fundação Alemã de Pesquisa. Assim, é inegável que parte significativa do potencial crítico da Alemanha esteja próximo do conceito de decrescimento ou até mesmo seja influenciado por ele.

Isso também pode ser visto em outros países do Norte Global. Entre 2008 e 2021, a Conferência Internacional de Decrescimento para Sustentabilidade Ambiental e Justiça Social foi realizada oito vezes, sempre com milhares de participantes. Ao primeiro encontro em Paris se seguiram os de Barcelona, Montreal, Leipzig, Budapeste, Malmo, Viena e Manchester, juntamente com Haia.

Um primeiro olhar sobre os movimentos, correntes e iniciativas reunidas em torno do tema mostra que o decrescimento tem o potencial de reunir várias perspectivas e debates. O livro “Degrowth in Bewegungen(en)” (BURKHART; SCHMELZER; TREU, 2017) lista, conforme consta em seu subtítulo, trinta e dois caminhos alternativos para uma transformação socioecológica. Dentre eles, destacamos “movimento da renda básica para todos”, “movimento de direitos dos animais”, “movimento ambiental”, “movimento de jardinagem urbana” e “movimento anti-carvão”, “bem viver”, “economia do bem comum”, “revolução do cuidado”, “desmonetização”, “soberania alimentar”, “justiça climática”, “economia plural” e “economia solidária”.

Em linhas gerais, defensores da ideia de decrescimento o apresentam justamente como um caminho de transformação em direção a formas de atividade econômica e de auto-organização social com foco no bem-estar de todos e na preservação ambiental.

Assim, o objetivo mais marcante do decrescimento corresponde a encontrar condições que possam criar uma vida *boa para todos*. As seguintes perguntas tornam-se cruciais: “como uma sociedade fundamentalmente melhor poderia ser projetada?”; “o que podemos fazer hoje para chegar lá?”; “que abordagens e estratégias já existem, com as quais podemos aprender?”; e “como as várias alternativas se complementam?” (BURKHART, SCHMELZER; TREU, 2017).

O decrescimento é principalmente um movimento de busca que fornece uma estrutura para vários movimentos alternativos, como um termo guarda-chuva (SCHMELZER; VETTER, 2021). É certo que a redistribuição desempenha um papel central: o decrescimento “exige uma redução da produção e do consumo nos países industrializados [...] como um meio para alcançar a sustentabilidade ambiental, a justiça social e o bem-estar” (DEMARIA et al. 2013, apud SCHMELZER; VETTER, 2021, p. 148). Prevê-se, portanto, uma economia com estruturas de abastecimento estáveis e nível de consumo relativamente reduzido, sem crescimento do PIB (PAECH, 2019).

No geral, as definições de decrescimento enfatizam o caráter processual e político da transformação necessária e se referem às instituições e valores políticos:

O decrescimento sustentável é um projeto político multifacetado que aspira a mobilizar apoio para uma mudança de direção, no nível macro das instituições econômicas e políticas e no nível micro dos valores e aspirações pessoais. A renda e o conforto material são reduzidos para muitos ao longo do caminho, mas o objetivo é que isto não seja experimentado como perda de bem-estar (KALLIS, 2011, apud SCHMELZER; VETTER, 2021, p. 148).

Neste sentido, ganha destaque a questão da organização social, das instituições sociais e do sistema econômico.

O decrescimento representa uma sociedade com um metabolismo reduzido, mas mais importante, uma sociedade com um metabolismo que tem uma estrutura diferente e cumpre novas tarefas. O decrescimento não requer fazer a mesma coisa em uma escala menor. O objetivo não é tornar o elefante mais magro, mas transformá-lo em um caracol (D'ALISA; DEMARIA; KALLIS, 2016, p. 20).

Em outros termos, trata-se de

moldar as áreas até então dependentes do crescimento das estruturas e instituições de nossa sociedade e economia de tal forma que elas continuem a cumprir suas funções, mas não sejam mais dependentes existencialmente do crescimento econômico (SEIDEL; ZHRNT, 2010, apud SCHMELZER; VETTER, 2021, p. 150).

Outras abordagens enfatizam uma transformação fundamental da sociedade que vai claramente além da independência do crescimento de certas instituições e consiste em uma transformação socioecológica que objetiva uma economia que assegure direitos sociais para todos, sem exceder os limites ecológicos. Uma tal mudança no estilo de vida prevê uma redução democraticamente organizada da produção e do consumo (SCHMELZER; PASSADAKIS, 2011).

Ficam destacados o caráter transformador e a necessidade de mudanças fundamentais na cultura orientada para o crescimento.

O decrescimento representa um caminho de transformação para formas de atividade econômica e (auto-) organização social em que o bem-estar de todos é central e os fundamentos ecológicos da vida são preservados. Isto inclui uma mudança fundamental nas práticas cotidianas de lidar uns com os outros e uma mudança cultural abrangente, bem como limitações de crescimento, concorrência e lucro (BURKHART; SCHMELZER; TREU, 2017, p. 108).

Diferentes buscas de solução para a concretização do decrescimento convivem com diferentes direções do debate que, acima de tudo, se sobrepõem em muitos pontos. Schmelzer e Vetter (2021) distinguem cinco correntes que lidam com ideias e visões de transformação, com base no que identificam como sendo os pontos focais centrais de cada corrente: corrente orientada para a instituição, para a autossuficiência, para a economia comum ou alternativa, corrente feminista e corrente capitalista-crítica e de globalização.

Além disso, Schmelzer e Vetter (2021) reúnem os pontos-chave das propostas de definição de decrescimento com as declarações centrais das diferentes correntes de modo a propor três dimensões-alvo que consideram centrais para a compreensão de uma sociedade pós-crescimento que seja suficientemente aberta para incluir diferentes propostas e suficientemente específica para delinear os contornos desse tipo de sociedade. As dimensões-alvo correspondem à possibilidade de justiça ecológica global, fortalecimento da justiça social, permitindo uma boa vida para todos, e independência do crescimento. Consequentemente, trata-se de compreender uma sociedade em processo de transformação democrática.

Complementarmente, Schmelzer e Vetter (2021), seguindo o sociólogo Erik O. Wright, propõem três estratégias de transformação, diferentes e complementares: estratégias de espaço livre (que criam espaços livres de dominação dentro das estruturas existentes que não seguem uma lógica ecológica), reformas sem reforma (que transformam políticas e instituições no nível da sociedade como um todo), e estratégias de construção de contra-hegemonia e contrapoder (que permitem uma ruptura com a lógica de crescimento em setores sociais individuais e regiões, com base em estratégias parcialmente conflitantes). Assim, a transformação rumo a uma sociedade pós-crescimento precisaria de uma compreensão da interação complementar dos três tipos de estratégias de transformação, sendo importante concentrar-se mais na construção da contra-hegemonia.

Vale destacar o caráter do decrescimento enquanto projeto em construção, que, segundo Muraca, 2017 (apud BURKHART; SCHMELZER; TREU, 2017, p. 9), é permanente. “O decrescimento é muito mais ‘em movimento’ do que um movimento com um caráter claramente definido e estruturas estabelecidas”.

Aberto o debate no Norte Global, acompanhado da concretização de iniciativas conjuntas e paralelas, devemos considerar com mais esperança o futuro da humanidade e do planeta? Qual o papel do Sul Global, que ainda está distante de se permitir parar de crescer, nas discussões acerca de limitação do consumo e da produção? Vários novos questionamentos se abrem quando os resultados do crescimento beneficiam apenas uma parcela da população, mas com o apoio daqueles que são prejudicados pelas decisões tomadas.

3. DOIS MUNDOS: DECRESCIMENTO E RELAÇÕES ENTRE NORTE GLOBAL E SUL GLOBAL

O crescimento econômico no Norte Global está ligado a um status periférico dos países do Sul Global, que servem como fornecedores de matérias-primas e mão-de-obra baratas, caracterizando diferentes formas de exploração, exclusão e hierarquização.

Assim, a corrente teórica do pós-desenvolvimento questiona a ideia de que há um caminho de desenvolvimento universal. Contra isso, argumenta-se que o crescimento e a prosperidade do Norte Global não podem ser entendidos sem o colonialismo e a apropriação e destruição no Sul.

“Civilização”, “desenvolvimento” e “progresso” são invenções do século XX, usadas para criar ou manter relações de dependência (neo-) colonial entre regiões, de forma que modos de vida industrializados e capitalistas possam ser impostos no Sul Global (SCHMELZER; VETTER, 2021).

Já o Iluminismo trouxe consigo a proposta de “melhorar” territórios e povos colonizados caracterizados como “primitivos” e mais tarde desvalorizados por teorias raciais. Na maioria das discussões em torno do decrescimento, o lado destrutivo do iluminismo e da modernidade no contexto do colonialismo vem à tona (BENDIX, 2017).

Em 1949, o presidente Truman, dos EUA, prometeu às pessoas de regiões subdesenvolvidas do mundo uma integração na economia mundial capitalista e uma conseqüente melhoria no padrão de vida. Entretanto, esta promessa serviu apenas para legitimar uma estratégia de expansão do Norte Global em direção ao Sul Global. De acordo com Bendix (2017), impor a economia e o modo de vida capitalistas não só é inalcançável para todos (devido, por exemplo, a estruturas globais e limitações ecológicas), como também é indesejável, pois prejudica a diversidade dos modos de vida.

O decrescimento vê alternativas nas tradições e práticas de subsistência das comunidades locais, bem como em movimentos do Sul Global que se opõem às políticas de desenvolvimento (zapatistas, quilombolas, comunidades indígenas etc.).

Como exemplo, o conceito e a prática do Bem Viver, formulado nas últimas duas décadas. O Bem Viver surgiu nos Andes, principalmente na Bolívia e no Equador, mas também no Peru e na Colômbia, enquanto conceito político que se baseia no conhecimento tradicional. Ele está fortemente ligado às visões de mundo, perspectivas e lutas dos grupos indígenas, e representa a inseparabilidade e interdependência das pessoas e da natureza para uma vida em equilíbrio (ACOSTA, 2015), marcada por justiça social e ambiental (TAMBURINI MALLONI, 2011).

De modo semelhante às propostas europeias de decrescimento, o Bem Viver critica tanto as formas capitalistas quanto as socialistas de desenvolvimento, pois ambas se baseiam na destruição social e ecológica. A crítica se baseia em séculos de experiência do colonialismo e se dirige contra toda civilização capitalista com seus pressupostos básicos de progresso, competição, melhoria, racionalização, produtividade ou eficiência, seu antropocentrismo, separando pessoas e natureza, e seu domínio patriarcal profundamente enraizado (BENDIX, 2017).

Em estreita conexão com o Bem Viver, o conceito de pós-extrativismo se desenvolveu a partir das lutas dos últimos vinte anos, dirigidas contra o neo-extrativismo na América Latina. Segundo Acosta e Brand (2018), o conceito de pós-extrativismo é uma condensação da crítica das comunidades afetadas e movimentos sociais e intelectuais frequentemente marginalizados. É uma crítica tanto do neo-extrativismo, quanto do neoliberalismo.

O neo-extrativismo é criticado como uma ideologia e prática ligada às depredações coloniais, relativas à extração de recursos fósseis e minerais, ocorridas desde o início do colonialismo e associada a uma visão hierárquica da natureza como um objeto de exploração. Consequências ecológicas e sociais negativas são cada vez mais ligadas à disseminação de monoculturas, com a conversão da floresta tropical em pastagens de rápida degradação.

Além disso, há uma crítica ao “capitalismo verde” e à valorização da natureza, que nos últimos tempos tem sido dirigida sobretudo contra as tentativas de resolver a crise climática às custas das pessoas no Sul Global. As práticas atuais de compensar as emissões de carbono no Norte Global com economias no Sul Global também contribuem para perpetuar as desigualdades neocoloniais, deslocando as pessoas de seus territórios, além de não protegerem o clima. A “economia verde” e a “economia sustentável” são projetos de dominação que não superam a desigualdade e também oferecem apenas pseudo-soluções para as crises ecológicas (BRAND, 2017).

Por fim, vale destacar o conceito de “sociedade da externalização”. Nos últimos anos, foram publicadas análises feitas no contexto do debate acerca do decrescimento, que destacam críticas ao colonialismo e ao capitalismo, focalizando a produção e o estilo de vida dos países do Norte Global, com sua produção de crescimento e riqueza local e de destruição ecológica e pobreza no Sul Global (LESSENICH, 2016).

A externalização é uma característica estrutural indispensável do capitalismo moderno, que depende não apenas da incorporação contínua de um “exterior” (mão-de-obra barata), mas também da terceirização dos custos. As assimetrias globais de poder e as relações de exploração, socialmente estabilizadas pelo hábito de externalização das pessoas nos países ricos, estão na base da noção de sociedade da externalização (LESSENICH, 2016). Em outros termos, a prosperidade e o estilo de vida no Norte Global foram sistematicamente realizados por meio da externalização dos custos sociais e ecológicos, tanto historicamente como hoje.

Além disso, por meio de práticas socialmente generalizadas de “não querer saber”, os processos de externalização e a violência estrutural associada são sistematicamente ocultados e projetados sobre outros, conforme Johan Galtung (GALTUN, 1975; GOLDSTEIN, 2019). No entanto, diante das mudanças climáticas e dos crescentes movimentos de fuga e migração no Sul Global, efeitos negativos podem ser observados no Norte Global. A sociedade da externalização está sendo cada vez mais confrontada com as consequências de seus próprios atos.

Por fim, diferentes perspectivas da crítica em torno de relações entre o Norte e o Sul Global desempenham um papel central na discussão de decrescimento. Entretanto, fica ressaltado o risco de atitudes acríticas no discurso pós-desenvolvimento, em relação às comunidades locais e tradições culturais do Sul Global, legitimarem as formas tradicionais de dominação. Além disso, críticas culturais irrefletidas acerca de formas estatais de organização e bem-estar social podem encorajar uma legitimação cínica do neoliberalismo. Também é importante não perder de vista uma análise de classe ao investigar relações hierárquicas e de exploração entre centros e periferias para não considerar sociedades inteiras de modo generalizado como categorias centrais de análise (SCHMELZER; VETTER, 2021).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário do dogma neoliberal, segundo o qual não há alternativas para o modelo socioeconômico atual, inúmeras propostas já existem e muitas outras podem surgir. Os diferentes movimentos, correntes e iniciativas comprometidos com essas alternativas estão surgindo em cada vez mais lugares, em projetos que são colocados em prática e mesmo em lutas sociais.

O decrescimento reúne propostas que têm em comum a demanda por uma mudança de paradigma. Ele exige um afastamento do foco exclusivo na competição, no lucro e na exploração, em direção a mais cooperação, solidariedade e orientação para necessidades concretas. Em outros termos, ele representa um espaço de ação e discussão sobre uma vida e uma economia diferentes, socialmente justas e ecologicamente sustentáveis.

Em linhas gerais, os seres vivos não podem ser apreendidos adequadamente através de relações exclusivamente econômicas. Pelo contrário, uma lógica econômica obscureceria, em vez de explicar, as relações sociais e socioecológicas. A crítica fundamental que o decrescimento traz consigo é, portanto, da absolutização e racionalidade abstrata do crescimento e da orientação para o crescimento, ou do fato de que redes complexas de relações e interesses são substituídas por um número que pretende ser totalmente determinante: o PIB (SCHMELZER; VETTER, 2021).

Assim sendo, o decrescimento é muito mais do que apenas uma crítica ao crescimento. Como o termo a ele equivalente, *pós-crescimento*, deixa claro, um ponto central é a visão de uma nova sociedade que atingiu um excelente patamar de crescimento e optou por não crescer mais.

Em resposta à nossa pergunta norteadora, pode ser destacado que justiça social em nível mundial e a sobrevivência do planeta poderiam ser favorecidas pela concretização de propostas de decrescimento. No entanto, isso exigiria uma revisão em diferentes níveis, em se tratando do Norte Global, como aqui foi destacado, porém mudanças também precisariam ocorrer no Sul Global, de modo que as ações que sustentam um decrescimento em alguns países não necessariamente se deparassem com um crescimento acrítico, opressor e destruidor, em outros. É necessário questionarmos a manutenção de enormes diferenças sociais e de exploração destrutiva da natureza, criando relações internas que reproduzem, nos países do Sul Global, aquelas representadas pela divisão entre Norte e Sul. Não faz sentido a persistência em “crescer acima de tudo” ou “crescer a qualquer preço”, pois assim os resultados positivos de uns países poderiam ser até mesmo anulados pelos resultados negativos de outros, mantendo as pessoas cada vez mais distante de uma vida de qualidade e o planeta como um todo cada vez mais perto da impossibilidade de sobrevivência.

Objetivamos refletir acerca do conceito de decrescimento em meio a controvérsias e a movimentos que representam tentativas de transformação social. Em uma sociedade como o Brasil, que dá tão pouco crédito a direitos humanos e ao equilíbrio ambiental, há muito o que refletir. Podemos não causar destruição na proporção que causa o Norte Global, com os impactos que geram sobre os países pobres de forma a manter a situação de crescimento. No entanto, a busca de revisão de medidas adotadas pelos países ricos, visando o equilíbrio em suas mais diversas formas, não exime o Sul Global do compromisso com medidas de crescimento compatíveis com justiça social e ambiental.

5. REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **Buen vivir**. Vom Recht auf ein gutes Leben. München: Oekom, 2015.

ACOSTA, Alberto; BRAND, Ulrich. **Radikale Alternativen**. Warum man den Kapitalismus nur mit vereinten Kräften überwinden kann. München: Oekom, 2018.

BARTH, Jonathan; GRAN, Christoph; EGAN-KRIEGER, Tanja von. Plurale Ökonomik als wesentliche Voraussetzung für die wirtschaftswissenschaftliche Bearbeitung von Degrowth. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). **Degrowth in Bewegung(en)**: 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation. München: Oekom, 2017, p. 272-283.

BENDIX, Daniel. Post-Development: Beim globalen Umgang mit dem kolonialen Erbe geht es um mehr als Wachstumskritik. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). **Degrowth in Bewegung(en)**: 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation. München: Oekom, 2017, p. 284-295.

BERNAU, Olaf. Flucht- und migrationspolitische Bewegung: Vom Kampf um gleiche Rechte zur Kritik an wachstumsbezogenen Ursachen von Flucht und Migration. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). **Degrowth in Bewegung(en)**: 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation, . München: Oekom, 2017, p. 140-153.

BOCCATO-FRANCO, Alan Ainer. Decrescimento em dez perguntas: perspectivas para o debate social, econômico e ambiental. **Ambiente & Sociedade**, v. 16, n. 3, p. 145-150, 2013.

BRAND, Ulrich; WISSEN, Markus. **Imperiale Lebensweise**: zur Ausbeutung von Mensch und Natur im globalen Kapitalismus. München: Oekom, 2017.

BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina. **Degrowth in Bewegung(en)**. 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation. München: Oekom, 2017.

D'ALISA, Giacomo; DEMARIA, Federico; KALLIS, Giorgos. **Degrowth**: Handbuch für eine neue Ära. München: Oekom, 2016.

EMBSHOFF, Dagmar; MÜLLER-PLATTENBERG, Clarita; GIORGI, Giuliana. Solidarische Ökonomie: Initiativen, Ketten und Vernetzung zur Transformation. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). **Degrowth in Bewegung(en)**: 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation, München: Oekom, 2017, p. 344-355.

FLEMMING, Jana; REUTER, Norbert. Gewerkschaften: Wer kann es sich leisten, zu verzichten? In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). **Degrowth in Bewegung(en)**: 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation. München: Oekom, 2017, p. 188-199.

GALTUNG, Johan. Strukturelle Gewalt. **Beiträge zur Friedens- und Konfliktforschung**. Reinbek: Springer, 1975.

GOLDSTEIN, U. Strukturelle Gewalt nach Johan Galtung. München: Grin, 2019.

JORDAN, John. Artivism: Degrowth mit Fantasie beleben. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). **Degrowth in Bewegung(en)**: 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation. München: Oekom, 2017, p. 46-57.

LESSENICH, Stephan. Neben uns die Sintflut. **Die Externalisierungsgesellschaft und ihr Preis**. München: Hanser Berlin, 2016.

KNY, Josefa. FUTURZWEI: Gelebte Geschichten einer anderen Wirklichkeit erzählen. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). **Degrowth in Bewegung(en)**. 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation. München: Oekom, 2017, p. 166-175.

MASCHKOWSKI, Gesa et al. Transition-Initiativen: Vom Träumen, Planen, Machen und Feiern des Wandels, den wir selbst gestalten. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). **Degrowth in Bewegung(en): 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation.** München: Oekom, 2017, p. 368-379.

MITLIN, Diana; SATTERTHWAITTE, David. **Urban poverty in the global South – scale and nature.** Londres: Routledge, 2012.

NEUMANN, Matthias; WINKER, Gabriele. Care Revolution: Ressourcen für Sorgearbeit erkämpfen. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). **Degrowth in Bewegung(en): 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation.** München: Oekom, 2017, p. 84-95.

ODEH, Lemuel Ekedegwa. A comparative analysis of global north and global south economies. **Journal of Sustainable Development in Africa**, v. 12, n. 3, p. 338-348, 2010.

PAECH, Niko. Befreiung vom Überfluss: auf dem Weg in die Postwachstumsökonomie. 11. Ed. München: Oekom, 2019.

RÄTZ, Werner; PATEMOGA, Dagmar. Attac: Eine ganz andere Welt ist möglich! In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). **Degrowth in Bewegung(en): 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation.** München: Oekom, 2017, p. 58-69.

SCHMELZER, Matthias. Wachstum und Wohlfahrt. Eine zwiespältige Allianz. 29. Jan 2017. **Geschichte der Gegenwart.** Disponível em: <https://geschichtedergewegung.ch/wachstum-und-wohlfahrt-eine-zwiespaeltige-allianz/>. Acesso em: 5 set. 2022.

SCHMELZER, Matthias; PASSADAKIS, Alexis. **Postwachstum: Krise, ökologische Grenzen und soziale Rechte.** Hamburg: VSA, 2011.

SCHMELZER, Matthias; VETTER, Andrea. **Degrowth/Postwachstum zur Einführung.** Hamburg: Junius, 2021.

STELLMACHER, Michael; BRECHT, Norma. Recht auf Stadt: Degrowth in Boomtowns oder das gute Leben in der Stadt für alle. In: BURKHART, Corinna; SCHMELZER, Matthias; TREU, Nina (Orgs.). **Degrowth in Bewegung(en): 32 alternative Wege zur sozial-ökologischen Transformation.** München: Oekom, 2017, p. 332-343.

TAMBURINI MALLONI, Leonardo. El movimiento indígena originario. Su rol en la construcción de la sociedad y el Estado boliviano. In: OPN – UARGM. El Estado Plurinacional Autonomo. **Alcances y límites.** Santa Cruz: OPN - UARGM, FBDM, UARGM, 2011.

Artigo recebido em: 15 out. 2022. | Artigo aprovado em: 07 nov. 2022.